



# Boletim Paroquial

Nossa Senhora da Penha de França

fevereiro 2025, nº2

## ANO SANTO – A ESPERANÇA NÃO ENGANA

---

### 4. REZAR SERVINDO



O caminho para Deus é um processo que depende de uma escolha livre e individual e passa por um trabalho perseverante, de consolidação da fé. Como disse Jesus, na parábola, é preciso semear em solo fértil (Mc 4, 3-20). Madre Teresa de Calcutá explicou este caminho, simplificando-o: **“O fruto do silêncio é a oração, o fruto da oração é a fé, o fruto da fé é o amor, o fruto do amor é o serviço, o fruto do serviço é a paz.”**

Rezar é, pois, o ponto de partida, mas é também o combustível que nos mantém ligados a Deus, que consolida a fé e nos enche de amor.

A consequência natural do amor de Deus em nós, é querer servir o próximo. Diria que, nesta fase, chega-se a um patamar mais evoluído, na comunicação com Deus. Na parábola do bom samaritano, Jesus confronta um doutor da lei, com um ensinamento de serviço ao próximo, questionando-o quem teria agido bem (Lc. 10, 30-37). De sublinhar que há muitos carismas e nem todos foram feitos para o serviço ao próximo, como se pode ver no diálogo de Jesus com Marta e Maria, em que esta ficou com a melhor parte - a oração contemplativa de Jesus (Lc 10, 41-42). De facto, não há serviço ao próximo sem uma boa retaguarda de oração, uma intensa comunicação com Deus, sob todas as suas formas.

Servir o próximo é um exercício de amor, à semelhança do amor que Deus tem por cada um de nós. Conheci um jovem, estudante universitário, que dedicava um par de horas, todos os dias, a ensinar crianças pobres. Vi nele o amor transcendente com que se dedicava às crianças. Encontrei um homem, na casa dos 30, trabalhador, que apesar do sucesso profissional, todas as semanas passava uma tarde num hospital, a visitar doentes, a consolá-los, a dar-lhes esperança, por vezes em silêncio, apenas para que estivessem acompanhados. Falei com uma família que, periodicamente, pais e filhos, juntos, visitavam famílias pobres e, com as poupanças que faziam ao longo do tempo, ajudavam com alimentos, roupas, brinquedos, ou do modo que mais necessitavam. Um gestor, executivo, dedicou anos de trabalho voluntário a administrar uma associação que distribuía alimentos por milhares de famílias carenciadas.

São tantos os exemplos de serviço ao próximo que aqui se poderiam contar. Histórias simples, a maioria delas anónimas, de pessoas que disponibilizam tempo para ajudar outros, apenas para se ligarem a Deus através daqueles que mais sofrem.

A dor e o sofrimento são em si, oração, porque melhor que ninguém, Deus tem presente o sofrimento vivido por Jesus, por meio do qual todos fomos redimidos, tal como Nossa Senhora sofreu a paixão de Jesus, acompanhando-O, servindo-O, em silêncio, disponível para o que Deus escolhesse para Ela.

Não vale a pena procurar servir o próximo de forma heroica, que nos eleve aos olhos de todos. É suposto ser no silêncio, com humildade, atentos ao que nos rodeia, aproveitando as mais pequenas oportunidades que surgem todos os dias, e dar o nosso Sim, com simpatia, com um sorriso, com paciência, com altruísmo, quem sabe, a pensar que aquele ao nosso lado, pode bem ser Jesus.

Por Luís Barosa

## DOCTRINA – A RESPOSTA DO HOMEM A DEUS



Imagem de [Myriams-Fotos](#) por [Pixabay](#)

### **25. Como responde o homem a Deus que se revela?** 142- 43

Sustentado pela graça divina, o homem responde a Deus com a obediência da fé, que consiste em confiar-se completamente a Deus e acolher a sua Verdade, enquanto garantida por Ele que é a própria Verdade.

### **26. Na Sagrada Escritura, quais são os principais testemunhos de obediência da fé?** 144-149

Há muitos testemunhos, mas particularmente dois: Abraão, que, colocado à prova, «teve fé em Deus » (Rm 4,3) e obedeceu sempre ao seu chamamento, tornando-se por isso «pai de todos os crentes» (Rm 4,11.18 ); e a *Virgem Maria*, que realizou de modo mais perfeito, durante toda a sua vida, a obediência da fé: «*Fiat mihi secundum Verbum tuum – Faça-se em mim segundo a tua palavra*» (Lc 1, 38).

### **27. Que significa, de facto, para o homem crer em Deus?** 150-152; 176-178

Significa aderir ao próprio Deus, entregando-se a Ele e dando assentimento a todas as verdades por Ele reveladas, porque Deus é a verdade. Significa crer num só Deus em três Pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo.

### **28. Quais as características da fé?** 153-165; 179-180; 183-184

A Fé, *dom gratuito* de Deus e acessível a quantos a pedem humildemente, é uma virtude sobrenatural necessária para a salvação. O acto de fé é um acto humano, isto é, um acto da inteligência do homem que, sob decisão da vontade movida por Deus, dá livremente o seu assentimento à verdade divina. Além disso, a fé é certa porque fundada sobre a Palavra de Deus; é operante «por meio da caridade» (Gal 5,6); é em contínuo crescimento, graças, em especial, à escuta da Palavra de Deus e à oração. Ela faz-nos saborear, de antemão, a alegria celeste.

### **29. Porque não há contradições entre a fé e a ciência?** 159

Embora a fé supere a razão, não poderá nunca existir contradição entre a fé e a ciência porque ambas têm origem em Deus. É o mesmo Deus que dá ao homem seja a luz da razão seja a luz da fé.

«Crê para compreender: compreende para crer» (Santo Agostinho)

### 30. Porque é que a fé é um acto pessoal e ao mesmo tempo eclesial? 166-169; 181

A fé é um acto pessoal, enquanto resposta livre do homem a Deus que se revela. Mas é ao mesmo tempo um acto eclesial, que se exprime na confissão: «Nós cremos». De facto, é a Igreja que crê: deste modo, ela, com a graça do Espírito Santo, precede, gera e nutre a fé do indivíduo. Por isso a Igreja é Mãe e Mestre.

«Não pode ter a Deus por Pai quem não tem a Igreja por Mãe» (S. Cipriano)

### 31. Porque é que as fórmulas da fé são importantes? 170-171

As fórmulas da fé são importantes porque permitem exprimir, assimilar, celebrar e partilhar, juntamente com outros, as verdades da fé, utilizando uma linguagem comum.

### 32. De que maneira a fé da Igreja é uma só? 172-175; 182

A Igreja, embora formada por pessoas de diferentes línguas, culturas e ritos, professa, unânime e a uma só

voz, a única fé, recebida dum só Senhor e transmitida pela única Tradição Apostólica. Professa um só Deus – Pai, Filho e Espírito Santo – e manifesta uma única via de salvação. Portanto, nós acreditamos, num só coração e numa só alma, tudo o que está contido na Palavra de Deus, transmitida ou escrita, e nos é proposto pela Igreja como divinamente revelado.



(os números indicados depois das questões remetem para os pontos do catecismo da Igreja Católica onde estes pontos são apresentados)

**Fonte:**

[https://www.vatican.va/archive/compendium\\_ccc/documents/archive\\_2005\\_compendium-ccc\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/compendium_ccc/documents/archive_2005_compendium-ccc_po.html)

## ANO SANTO 2025 – INDULGÊNCIA PLENÁRIA

Deus é amor e fonte de todo o amor. Para nos ligarmos a Deus, precisamos amar à semelhança de Deus. Todos os pensamentos, palavras, actos e omissões desprovidos de amor são pecados, de maior ou menor gravidade, porque onde não há amor, Deus está ausente.

Ao pecarmos desligamo-nos de Deus, mas Ele, na Sua misericórdia infinita, para nos chamar para Si, concedeu-nos o perdão dos pecados, fazendo-se Homem, morrendo na cruz e ressuscitando, abrindo-nos as portas do Céu. Disse: “... tudo o que desligares na Terra, será desligado no Céu...” (Mt. 18, 18).

De notar que o pecado abarca duas penas – a pena eterna e a pena temporal. O perdão da culpa, que nos livra da pena eterna, é-nos concedido por Jesus Cristo, através do sacramento da penitência. Quando

arrependidos e sem vontade de voltar a pecar, nos confessamos, Jesus chama a Si os nossos pecados, justificando-os na cruz, e livra-nos da nossa culpa, santificando-nos.

No entanto, todo o pecado (mortal, ou venial) cria hábitos de comportamento no ser humano que, por vezes, são difíceis de corrigir. Apesar do perdão que obtivemos, no sacramento da penitência, fica em nós o vício de comportamento criado pelo pecado e que nos diferencia da natureza pura de Deus. Estamos perdoados da culpa, mas carregamos ainda a tendência comportamental para cometer o pecado. Ora, para nos unirmos a Deus, na hora da morte, não podemos carregar vícios contrários à Sua natureza. Temos de estar puros, semelhantes a Ele, com a inocência de uma criança. Os vícios têm de ser corrigidos e eliminados da

nossa natureza, para que possamos ser um, em Deus. Para corrigir estes hábitos que o pecado criou em nós, caso não seja possível fazê-lo durante a vida, teremos um tempo de purgatório, onde seremos 'reeducados', para nos libertarmos dos vícios que impedem uma união total com Deus. A isto chama-se a pena temporal.

A indulgência é a remissão, perante Deus, da pena temporal devida aos pecados cuja culpa já foi apagada. A indulgência é parcial ou plenária, consoante liberta parcial ou totalmente da pena temporal devida pelo pecado.

A indulgência plenária é uma das graças que Deus nos concede durante o Ano Santo, através da Sua Igreja, ou seja, o perdão total da pena temporal associada aos nossos pecados cuja culpa já está perdoada.

Acresce que, a indulgência plenária pode ser alcançada também em benefício de pessoas que já morreram, assim se expressando a comunhão dos santos, no máximo de uma por dia, durante todo o ano jubilar.

Para se obter a indulgência plenária, neste Ano Santo de 2025, é preciso que:

*“Todos os fiéis verdadeiramente arrependidos, excluindo qualquer apego ao pecado e movidos por um espírito de caridade, e que, **no decurso do Ano Santo, purificados pelo sacramento da penitência e revigorados pela Sagrada Comunhão, rezem segundo as intenções do Sumo Pontífice, poderão obter (...) pleníssima Indulgência, remissão e perdão dos seus***

*pecados, que se pode aplicar às almas do Purgatório sob a forma de sufrágio”,*

*“- Peregrinando a lugares sagrados ou visitando algum deles – em Lisboa, na Sé Patriarcal (vide v.g. vaticannews para outros lugares);*

*- Além disso, sem realizar peregrinações ou visitas piedosas aos lugares jubilares, os fiéis poderão lucrar a Indulgência Jubilar:*

*- Participando nas **Missões Populares;***

*- Participando de **Exercícios Espirituais** ou **Encontros de Formação** sobre textos do Concílio Vaticano II e do Catecismo da Igreja Católica, a serem realizados numa igreja ou outro local adequado;*

*- Realizando **Obras de Misericórdia corporais e espirituais;***

*- Realizando Atos Penitenciais.”*

*em:*

<https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2024-12/jubileu-2025-vademecum-indulgencias.html>

(Recomenda-se a leitura do Catecismo da Igreja Católica, nos § 1471 e segs., §1876 e segs.)

Por Luís Barosa

## ACONTECE NA PARÓQUIA

- No dia 29 de dezembro, foi a abertura da Porta Santa na Sé de Lisboa onde estiveram presentes vários paroquianos.

- No passado sábado, dia 11 de janeiro, o 42 Penha de França e a FNA - Penha de França estiveram presentes na apresentação do novo livro do Pe. Ricardo Figueiredo “Cavaleiro Invencível, Cristão Exemplar” (Biografia de São Nuno de Santa Maria).

Este evento, organizado pela FNA da Baixa-Chiado e em colaboração com a Paulus Editora, realizou-se na Igreja de São Paulo e contou, para além do autor, com os contributos de Dom Manuel Clemente (Patriarca

Emérito de Lisboa) e de José Rodrigues Machado, ex-Chefe Nacional Adjunto do C.N.E.

- No dia 12 de janeiro aconteceu o concerto de Natal do Coro das Nações na nossa Igreja paroquial.

- No dia 12 de janeiro tivemos ainda a enorme graça de crismar 19 paroquianos da igreja de N.ª Sr.ª da Penha de França e Santa Engrácia, na presença do Bispo Dom Alexandre Palma.

- No dia 19 de janeiro aconteceu o 2.º encontro de pais, filhos e catequistas num grande almoço partilhado no salão paroquial.

- No dia 19 de janeiro, tomaram posse os órgãos sociais da irmandade de Nossa Senhora da Penha de França e São João Baptista.

- No dia 25 de janeiro decorreu um almoço de convívio no salão paroquial. O lucro reverte a favor das obras da Igreja e para os jovens poderem participar no Jubileu em Roma.

- No 28 janeiro deu-se o início da Oficina de Oração e Vida, na igreja de São Francisco de Assis às 18h30. Os encontros são semanais.

- No dia 30 de janeiro, Hora Santa - tempo de silêncio e meditação para rezar e adorar, com o tema Entrega a Deus. Temas anteriores: novembro (Jesus é Luz), dezembro (A Paz).

## NOSSA SENHORA DE LOURDES

---

### Dia 11 de fevereiro de 1858



Para lançar a sua mensagem de oração e caridade ao mundo, Nossa Senhora escolheu Bernadete, uma pastora de 14 anos.

Fazia muito frio, naquele dia, em Lourdes. Então a jovem Bernadete, com sua irmã e uma amiga, foi apanhar lenha nas proximidades da gruta de Massabielle. Ficando para trás, sentiu, de repente, uma ventania, que, porém, não balançava as árvores. Depois, viu uma grande luz, em meio à qual estava a figura cândida de uma jovem mulher, vestida de branco com uma facha azul na cintura. Aquela Senhora não falou com ela, mas lhe ensinou a fazer corretamente o sinal da cruz e, juntas, em silêncio, rezaram o Terço. No final da oração, a visão desapareceu.

Três dias depois, em 14 de fevereiro, Bernadete sentiu um desejo irresistível de voltar à gruta, mas levou

consigo água benta. Quando a Senhora apareceu, ela tentou aspergi-la. Mas a Virgem ficou inerte e, sorrindo, começou a rezar o Terço novamente com ela. Era o dia 18 de fevereiro, a primeira vez que a Senhora conversou com Bernadete, fazendo-lhe o seguinte pedido: voltar ali por 15 dias, pedir aos padres para irem àquele lugar em procissão e ali construir uma igreja.

Em 25 de fevereiro, a Senhora pediu a Bernadete para comer erva e escavar um buraco: assim fez e começou a brotar a água da nascente milagrosa, na qual os enfermos ainda hoje se emergem, pedindo a sua cura. Finalmente, em 25 de março, dia da Anunciação, Nossa Senhora revelou-se, dizendo: "**Eu sou a Imaculada Conceição**"! Bernadete transmitiu esta frase ao pároco. Uma pastora não podia saber que o Dogma da Imaculada Conceição de Maria havia sido proclamado, apenas quatro anos antes, pelo Papa Pio IX.

Maria revelou muitas coisas a Bernadete em suas aparições, mas, sobretudo, propôs a ela e ao mundo o "*Céu e a santidade*", como únicos objetivos da vida terrena, como também a penitência, para eliminar o pecado do mundo.

Ali foi construída uma igreja e, em 1862, com uma Carta Pastoral, o Bispo de Tarbes consagrou Lourdes como Santuário mariano internacional.

**Fonte:** Vatican News  
Por Jorge Neves

# NO MÊS DE FEVEREIRO DESTACAMOS

---

**7 de fevereiro** - Reunião do Apostolado de Oração, às 17h00.

**7 de fevereiro** – Noite de fados, às 19h30, no salão paroquial. Angariação de fundos em vista a ajudar os jovens a peregrinar ao Jubileu2025.

**4, 11, 18 e 25 de fevereiro** –Oficina de Oração e Vida, na igreja de São Francisco de Assis, às 18h30. Os encontros são semanais.

**16 de fevereiro** - Reunião da Confraria de N.ª Sr.ª do Carmo, às 17h00.

**26 de fevereiro** – Hora Santa - tempo de silêncio e meditação para rezar e adorar, com o tema Entrega a Deus.

**Obras da Igreja** – Graças a Deus o pagamento das obras feitas na Igreja está bastante bem avançado, mas ainda assim falta pagar a tranche que o Patriarcado nos emprestou. Toda a ajuda é muito bem-vinda.

<b>IBAN DA PARÓQUIA:</b>
--------------------------

<b>PT50 0018 0000 0069 1811 0014 2</b>
--

O Padre Bartolomeu vai estar fora no fim de semana de 1 e 2 de fevereiro.

O Padre Alfredo Atende às terças e sextas-feiras e Padre Bartolomeu atende às quartas e quintas-feiras ambos a partir das 16h.

A **Cáritas Paroquial** recebe quem precisa de ajuda, às quartas-feiras, das 17h30 às 19h.

# CARTA PASTORAL DO PATRIARCA DE LISBOA (PARTE 1 DE 2)

## «Dai razões da vossa esperança» sobre a esperança cristã

1. A graça e a paz de Deus Pai e de Nosso Senhor Jesus Cristo e a comunhão do Espírito Santo estejam com todos vós, caríssimos diocesanos de Lisboa, quando se ergue diante de nós o início do Ano Jubilar dos 2025 anos da Encarnação do Verbo de Deus. Jubileu é, na tradição bíblica, o ano em que se reestabelecem as relações com Deus, com os homens e mulheres nossos irmãos e irmãs e com toda a Criação (cf. Lv 25,8-17). Este ano de graça e de reconciliação é marcado pelo tema e pelo ritmo da esperança, convocado pelo Papa Francisco com a Bula *Spes non confundit*. É sobre a esperança que desejo meditar convosco, convidando cada vigararia, paróquia, comunidade cristã, família, movimento ou grupo, em suma, convidando todas as realidades pastorais e administrativas do Patriarcado de Lisboa, mas também cada homem e mulher a poder renovar não só o conhecimento, mas principalmente a vivência da esperança cristã. Ao mesmo tempo, esta é um desejo universal que transportamos no nosso coração: «corresponde ao desejo de felicidade que Deus colocou no coração de todo o homem»<sup>1</sup>, pelo que pode e deve ser veículo para a descoberta e o diálogo com todas as pessoas de boa vontade.

2. «No íntimo do vosso coração, confessai Cristo como Senhor, sempre dispostos a dar a razão da vossa esperança a todo aquele que vo-la peça» (1Pd 3,15). É certo que, muitas vezes, esta passagem bíblica foi entendida como um convite ao aprofundamento sapiencial e racional das ciências sagradas. No entanto, também a devemos entender como um apelo constante a sermos testemunhas, arautos e missionários da esperança trazida por Jesus Cristo. A esperança é o que hoje mais nos poderá ajudar a construir, nas mais diversas e contrastantes circunstâncias, autênticos processos da vida. Mais ainda, é o próprio processo de salvação que pode oferecer ao mundo, pois, como diz São Paulo «foi na esperança que fomos salvos» (Rm 8,24). Assim, o principal capital humanitário que hoje a Igreja pode oferecer é a esperança, pois, quando apresentamos razões de a viver, testemunhamos inevitavelmente a presença de Cristo, vencedor da morte, mas também indicamos como em Cristo se abrem novas possibilidades de reinterpretar e reconstruir cada experiência da

existência como caminho e promessa daquela plenitude «que Deus seja tudo em todos» (1Cor 15,28).

3. Escrevo esta primeira carta pastoral à amada Diocese de Lisboa com a consciência de que é uma comunidade que caminha na fé, procurando sempre fazê-lo em fidelidade ao Espírito Santo. Nos anos mais recentes, o Sínodo de Lisboa (2016), a receção deste (2017-2021), a caminhada sinodal da Igreja universal na renovação da comunhão, participação e missão (2021-2024), o percurso de preparação da Jornada Mundial da Juventude Lisboa 2023 e a sua realização, nos primeiros dias de agosto daquele ano, foram motivos para um aprofundamento da vida eclesial nesta Diocese. Damos graças a Deus por todas as maravilhas que o Senhor realizou nesta porção do Povo de Deus e pedimos a luz do Divino Espírito Santo para prosseguirmos o caminho de renovação da Igreja de Lisboa. É com este propósito que caminhamos, e o Jubileu 2025 será, certamente, oportunidade para crescermos na correspondência ao sonho de Deus para a nossa Diocese. De forma especial, pretendo que o Jubileu seja ocasião para amadurecermos os desafios de desenvolvimento sinodal da vida das comunidades cristãs do Patriarcado de Lisboa, na senda da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, acolhendo os desafios do documento final.

4. Quer as luzes, quer as sombras que encontramos na nossa realidade atual mostram a oportunidade e a necessidade de aprofundar a vivência da esperança cristã. Esta foi assinalada pelo Papa Francisco, que a escolheu como inspiração para este ano jubilar: «Esta virtude teológica foi vista poeticamente como a “irmãzinha” no meio das outras duas, fé e caridade, mas sem a qual estas duas não progridem, não exprimem o melhor de si. O Povo santo de Deus precisa muito disto!»<sup>2</sup>. Já o Papa Bento XVI, no ano de 2007, tinha convidado a Igreja toda a meditar sobre este mesmo tema, quando publicou a Encíclica *Spe Salvi*. Também, ainda está gravado na memória de todos nós o que se passou no período da pandemia de Covid-19 e como se popularizaram uns cartazes, geralmente desenhados e pintados por crianças, em que se dizia: «Tudo vai ficar bem». Nestes cartazes, em que se via também um arco-íris – o «arco da velha», como os antigos se referiam, recordando a Antiga Aliança estabelecida por Deus com Noé, depois do dilúvio (cf. Gn 9,12-17) –, vemos

<sup>1</sup> *Catecismo da Igreja Católica*, n.º 1817.

<sup>2</sup> Papa Francisco, Discurso aos participantes na plenária do Dicastério para a Evangelização (setor para as questões fundamentais da evangelização no mundo), 15 de março de 2024.

espelhada a esperança humana, com a certeza de que o bem acabará por vencer e de que, mesmo no meio das piores desgraças e dificuldades, o ser humano é capaz de encontrar sempre uma centelha de esperança. Tudo isto deve ser um convite a olharmos a esperança de uma forma nova, como verdadeira esperança *cristã*, em que o adjetivo para além de expressão de orientação, é, sobretudo, uma qualidade intrínseca que potencia a natureza do substantivo<sup>3</sup>.

5. Proponho esta meditação sobre a esperança num momento particular da história da Humanidade. As guerras na Ucrânia, na Terra Santa e Médio Oriente, na República Centro-Africana e tantas outras formas de conflito, de ódio e de violência por todo o mundo; o drama da solidão e da exclusão, da pobreza e da fome, já não apenas em lugares distantes, mas cada vez mais próximo da porta de casa de cada um de nós; a incerteza e a insegurança em relação ao futuro de tantos jovens e jovens adultos; a precariedade e a falta de condições para uma vivência digna de tantos migrantes que procuram em paragens longe das suas terras uma oportunidade para viver e constituir família; tantas outras situações que desdizem a dignidade infinita do ser humano criado por Deus, redimido por Cristo, santificado pelo Espírito e chamado à comunhão plena com Deus. São realidade que põem à prova a nossa esperança cristã. Por isso, estas meditações que proponho de seguida não pretendem ser um exercício teórico sobre a virtude teologal da esperança, mas um convite, na esteira da Sagrada Escritura, da Tradição da Igreja e do Magistério, a que renovemos em nós a vida cristã e a que sintamos, no interior do coração, o apelo do Senhor a não temermos diante da agitação das ondas e da tempestade (cf. Mc 4,35-41).

### A esperança cristã num mundo secularizado

«[Jesus] disse-lhes, naquele dia, ao cair da tarde: “Atravessemos para a outra margem.” E, deixando a multidão, levaram-n’O no barco tal como estava. Havia outros barcos com Ele. Surgiu, então, uma grande tempestade de vento, e as ondas arremessavam-se contra o barco, de tal modo que o barco já se estava a encher de água.» (Mc 4,35-37)

6. A nossa sociedade, nos últimos séculos e décadas, secularizou muitos elementos da fé cristã, não só do ponto de vista iconográfico, mas também no que concerne a muitos valores cristãos. Um desses elementos que foi secularizado e neutralizado na sua potência cristã

<sup>3</sup> A virtude da esperança «assume as esperanças que inspiram as atividades dos homens, purifica-as e ordena-as para o Reino dos céus; protege contra o desânimo; sustenta no abatimento; dilata o coração na expectativa da bem-aventurança eterna. O ânimo que a esperança dá preserva do egoísmo e conduz à felicidade da caridade» (Catecismo da Igreja Católica, n.º 1818).

foi a esperança. Na sociedade secularizada do nosso tempo, a esperança cristã foi substituída pelo otimismo. O otimismo que, muitas vezes, bloqueia a capacidade de ver a realidade. E assim, diante da angústia e das tristezas sentidas, o otimismo tornou-se apenas uma «espera» por algo melhor, como sucede quando se vai ao médico e ficamos na «sala de espera» aguardando a nossa vez. Há «salas de espera», mas não há «salas de esperança». A esperança cristã aponta para lá do otimismo, ainda que, do ponto de vista antropológico, de certa forma se possa basear nele. Podemos dizer que o otimismo se encontra do lado das possibilidades humanas e a esperança depende de Deus. Por isso, dizia o Papa Francisco: «O otimismo desengana, a esperança não!»<sup>4</sup>. É preciso retomar a esperança como *virtude teologal*, isto é, virtude que só se entende e só se pode viver na *relação íntima* com Deus. Nisto difere essencialmente da atitude passiva da espera: esperamos sozinhos, mas só temos esperança quando estamos em relação com Deus e com o outro nosso irmão.

7. A *Constituição Sinodal de Lisboa* sintetiza as luzes e as esperanças no nosso mundo, segundo o olhar de Deus (cf. n.º 7-12). Como fundamento desta síntese, afirma: «a certeza crente de que este mundo, uma vez “criado e conservado pelo amor do Criador”, muito embora ferido pelo pecado, foi libertado pela Cruz e Ressurreição de Cristo, constitui o fundamento do compromisso cristão no mundo e é geradora de uma esperança firme que nenhuma adversidade poderá jamais abafar»<sup>5</sup>. A Igreja é chamada a uma ação profética neste mundo. Por isso, ela não se pode desligar do contexto em que se situa para poder viver a missão que Deus lhe confiou, desde o início e até à consumação dos tempos. «Esperar equivale a viver: o homem, de facto, vive enquanto espera e a definição do seu existir está ligada à definição do âmbito da sua esperança»<sup>6</sup>. Não se pode separar o ser humano nem do enquadramento em que vive, nem da esperança que alimenta o seu agir. Por isso, a esperança aponta de forma irremediável para a missão que cada cristão é chamado a ser no mundo: imbuído no Espírito de Cristo, está no mundo para o fecundar com esse mesmo Espírito do Alto.

8. Assim se entende, de forma renovada, o convite do Senhor Jesus a sermos sal da terra e luz do mundo (cf. Mt 5,13-16). Isso nunca é estar de costas voltadas para o mundo e, muito menos, de o proscrever à perdição, mas de o habitar como lugar de missão, em que, habitados nós próprios pela graça de Deus, estamos no mundo

<sup>4</sup> Papa Francisco, Audiência geral, 7 de dezembro de 2016.

<sup>5</sup> Constituição Sinodal de Lisboa, 8 de dezembro de 2016, n.º 4.

<sup>6</sup> C. M. Martini *Piccolo manuale della speranza*.(2012). Milão: Giunti.16.



como testemunhas da novidade de Jesus Cristo. Com efeito, os cristãos exercem no mundo muitas atividades que, mesmo quem não é cristão, também pode exercer. Mesmo a solidariedade e a filantropia são realizadas, e bem realizadas, por muitos que não se contam entre os batizados. No entanto, é necessário reconhecer que há *algo mais* que só os cristãos podem oferecer ao mundo. É importante que nunca percamos de vista isso mesmo: somos portadores de Jesus Cristo; no Batismo somos consagrados a Deus e chamados a ser imagem de Cristo, pelas nossas palavras, gestos e atitudes. Por cada um de nós – seja sacerdote, diácono, religioso ou leigo – o Evangelho, a Boa Nova da vida divina, acontece de novo. Importa que tenhamos consciência de que, se nos envergonhamos, se nos fechamos ou se desatendemos a proclamação da Palavra de Deus, estamos a faltar ao compromisso com Deus e com os homens e mulheres nossos irmãos e irmãs. A esperança que temos para oferecer ao mundo é o próprio Jesus Cristo, através da Palavra, dos Sacramentos e da Caridade: assim se participa na vida nova e se anuncia o Evangelho. Cristo é a esperança. Cristo, vivo em nós, é a esperança da Humanidade.

9. Um dos principais inimigos da esperança é a imanentização da realidade sobrenatural da pessoa humana: a redução de ser humano ao valor do que produz<sup>7</sup> criou uma insensibilidade ao que não se vê com os olhos da carne. Mesmo muitas das relações interpessoais transformaram-se em negócios, em que já não se mede a intensidade e beleza da vivência, mas o lucro ou perda delas decorrente. Aos poucos, o ser humano não só foi perdendo a capacidade de saber o que é o Céu, mas sobretudo vai perdendo a capacidade de o saborear. A Ressurreição de Cristo abriu para nós a possibilidade de fazer experiência da vida divina. Sem a Ressurreição, se Ele não vive ressuscitado em nós, a Igreja não passa de uma instituição que cabe apenas nos estudos sociológicos ou um monte de ruínas, que só podem ser avaliadas por um arqueólogo. A vida nova que Jesus oferece é, realmente, um convite a passarmos à outra margem e a considerarmos a vida como uma participação verdadeira no sobrenatural, no Mistério que nos engloba a todos. Há um dinamismo de conversão que tem de acontecer, que brota do reconhecimento e da consciência da graça do Amor invisível de Deus em nós. Um passo essencial neste caminho é o cultivo da virtude da humildade, uma vez que a esperança nos lembra que só pelas nossas forças não somos capazes de

corresponder plenamente à vocação de Deus para nós: «Quando Deus Se revela e chama o homem, este não pode responder plenamente ao amor divino pelas suas próprias forças. Deve esperar que Deus lhe dará a capacidade de, por sua vez, O amar e de agir de acordo com os mandamentos da caridade.»<sup>8</sup> Outro passo que resulta da humildade é saber escutar, observar/contemplar e discernir os sinais de Deus, os sinais da Casa Comum, os sinais dos seres humanos, cientes de que Deus também interpela a nossa esperança pelos sinais do ambiente e da humanidade.

### **Redescoberta das virtudes teológicas**

---

«Ele estava na popa a dormir, com a cabeça sobre a almofada. Acordaram-n’O, então, e disseram-Lhe: “Mestre, não Te importa que morramos?”» (Mc4,38)

10. Depois de darmos o passo da conversão, da primeira conversão, o que nasce em nós é a intensificação da relação com o Pai, por Cristo, no Espírito; é a tomada de consciência do primado absoluto de Deus, que organiza a nossa existência a partir e em função d’Ele. Há vários percursos para estabelecer esta relação. Tradicionalmente, há o percurso da razão, isto é, do estudo e do aprofundamento da revelação e da doutrina. Recentemente, tem sido muito sublinhada a via pulchritudinis, isto é, o caminho da beleza<sup>9</sup>. Numa Europa que ainda conserva sinais de uma identidade cristã fulgurante, este caminho é particularmente relevante: a beleza das obras de arte que preenchem tantas igrejas antigas e modernas; a harmonia da música sacra antiga, atualmente já pouco utilizada na liturgia, mas que enche muitas salas de espetáculos; também, a beleza da caridade cristã, que se expressa, por exemplo, no gesto simples de atender e auxiliar um pobre. Recuperar a beleza das mil e uma expressões do catolicismo é caminho para mostrar a beleza própria de Deus, como luz que se refrata em muitíssimas cores. Importa recuperar o olhar contemplativo e ser capaz de ver a vida cristã autêntica, com a certeza de que esta é testemunho do amor de Deus. É a forma mais ajustada de viver hoje a evangelização, como dizia o Papa Paulo VI: «O homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres [...], ou então se escuta os mestres, é porque eles são testemunhas.»<sup>10</sup>

11. Por muito tempo, insistiu-se demais na ideia de que a porta de entrada na fé cristã era a conversão moral. Esta unilateralidade foi-se acentuando quando a fé era

---

<sup>7</sup> Um processo que vem acontecendo sobretudo marcado pelo desenvolvimento rápido da indústria e da técnica.

<sup>8</sup> *Catecismo da Igreja Católica*, n.º 2090.

<sup>9</sup> «A linguagem da arte é parabólica, dotada de uma especial abertura universal: a “*via Pulchritudinis*” é uma senda capaz de orientar a mente e o

coração para o Eterno, de os elevar até às alturas de Deus» (Bento XVI, *Discurso*, 25 de outubro de 2012).

<sup>10</sup> Paulo VI, Exortação apostólica *Evangelii nuntiandi*, n.º 41.

transmitida nas famílias, em que se aprendia a viver como cristão com o pai, com a mãe e com os avós. A conversão moral era a consequência óbvia desta fé que se recebia com o leite materno. No entanto, na sociedade em que vivemos, já não se pode dar por adquirida a transmissão da fé. Deste modo, é preciso colocar o anúncio do Evangelho em primeiro lugar, se não queremos que a Igreja se torne apenas numa instituição de competências sociais. Neste âmbito é muito pertinente viver um ano jubilar dedicado à esperança. Em primeiro lugar tem de estar a relação com Deus, ou seja, a dimensão teologal da fé, esperança e caridade. Esta é a base da conversão integral, como de forma luminosa ensina o Catecismo da Igreja Católica: «As virtudes teologais fundamentam, animam e caracterizam o agir moral do cristão.»<sup>11</sup> Pôr a nossa esperança em Deus mostra que somos chamados a confiar mais no auxílio da graça divina do que nos nossos esquemas pessoais ou pastorais<sup>12</sup>.

**12.** Pôr em primeiro lugar a relação com Deus implica, também, renovar as estruturas e práticas eclesiais. A conversão sinodal a que o Papa Francisco tem convidado a Igreja também passa por isso. Quando o Concílio Vaticano II reconheceu que todos os cristãos, independentemente do estado, idade ou condição, são chamados à santidade, foi isto mesmo que quis afirmar: dar prioridade à relação com Deus. O reconhecimento desta prioridade orienta a doutrina a respeito da Igreja, interpretada como sacramento do amor de Deus: o que se reflete no corpo eclesial, edificado por cada um dos seus membros, não são as suas qualidades pessoais ou os seus talentos, mas a luz da graça de Deus. Deste modo, levar a sério a vida teologal implica perseverar no caminho da humildade, da escuta, do acolhimento, do discernimento, porque importa que seja Deus a aparecer, seja Deus a falar, seja Deus a realizar a sua obra de amor e de graça.

**13.** Em Portugal, o acontecimento de Fátima tem especial relevo. A oração que o Anjo ensina aos Pastorinhos coloca no coração das virtudes teologais a adoração. Esta atitude orante é o polo agregador de toda a vida teologal: só na adoração se encontra a disponibilidade para Deus<sup>13</sup>. Esta mensagem celeste foi transmitida num tempo em que o mundo atravessava uma guerra sangrenta, em que a vida humana era facilmente descartada. Com efeito,

quando se esquece Deus ou quando se voltam as costas a Deus, é o ser humano que acaba por sofrer, porque a sua dignidade se degrada rapidamente, pois Deus é a fonte da dignidade humana. Sermos arautos da esperança tem de passar por anunciar a dignidade de toda a vida humana, desde a conceção até à morte natural, passando pelos variados estados entre uma e outra. Um Jubileu da Esperança deve ser um convite a mudanças estruturais na nossa sociedade, para que cada pessoa seja reconhecida na sua dignidade e cuidada por aquilo que é: uma pessoa querida e amada.

**14.** As expectativas humanas podem ser veículo para a esperança teologal, quando se tornam oração. Elas podem ser apresentadas no coração, durante a oração, em diálogo com Deus. Diante do sacrário, podemos falar a Jesus dos nossos dilemas e dos nossos projetos e encontrar num excerto da Palavra de Deus a indicação de que necessitamos. O nosso coração abre-se a um novo horizonte de esperança, a um novo «sim», quando rezamos com verdade e confiança o Pai-Nosso, de forma especial a petição «seja feita a vossa vontade»: a esperança cultiva a abertura radical a uma vida totalmente confiada nas mãos de Deus. E a vontade de Deus é o Amor. Com efeito, a esperança «exprime-se e nutre-se na oração, particularmente na oração do Pai-Nosso, resumo de tudo o que a esperança nos faz desejar»<sup>14</sup>.

**15.** A esperança é uma certeza do futuro que experimentamos no presente. O Jubileu 2025 é uma oportunidade peculiar para fazermos essa experiência. Não deixa de ser curioso notar que, na história sagrada, nos setenta anos que o Povo passou no Exílio, não se celebraram jubileus. Ou seja, quando não se está na Terra Prometida, há um impedimento de celebrar jubileus. Pelo contrário, nós celebramo-los, porque estamos na Terra Prometida, que é a comunhão com o próprio Senhor Jesus. Deste modo, é no presente que se faz a experiência dos frutos jubilares: a graça, a conversão, a vida teologal, a indulgência. Isso acontece porque estamos em Deus; porque estamos enxertados em Cristo pelo Batismo; porque vivemos animados pelo seu Espírito. Realmente, somos já habitantes da Terra da Promessa, concidadãos dos santos (cf. Ef 2,19).

**Fonte:** [Patriarcado de Lisboa](#)

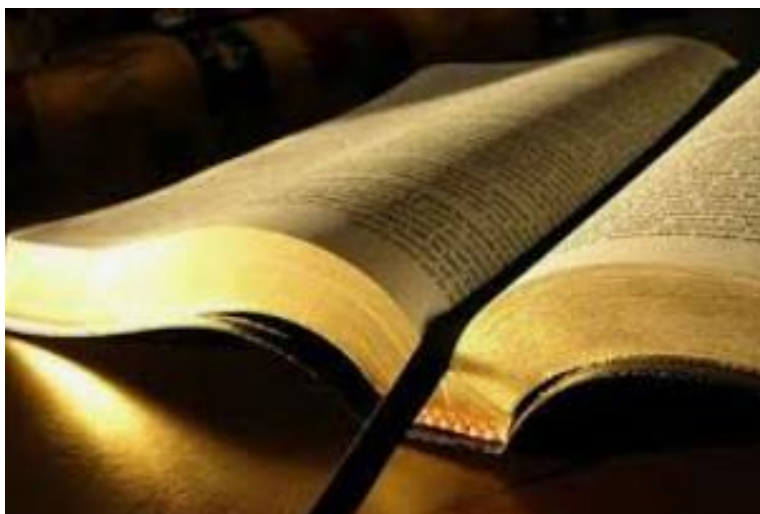
<sup>11</sup> *Catecismo da Igreja Católica*, n.º 1813.

<sup>12</sup> De forma contundente chamava a atenção para isso Bento XVI na sua visita a Portugal em 2010: «Muitas vezes, preocupamo-nos afanosamente com as consequências sociais, culturais e políticas da fé, dando por suposto que a fé existe, o que é cada vez menos realista. Colocou-se uma confiança talvez excessiva nas estruturas e nos programas eclesiais, na distribuição de poderes e funções; mas que acontece se o sal se tornar insípido?» (Bento XVI, *Homília*, 11 de maio de 2010).

<sup>13</sup> Importa recordar a memória que o Cardeal Joseph Ratzinger transmitia no comentário teológico à terceira parte do segredo de Fátima: «Num colóquio que a Irmã Lúcia teve comigo, ela disse-me que lhe parecia cada vez mais claramente que o objetivo de todas as aparições era fazer crescer sempre mais na fé, na esperança e na caridade; tudo o mais pretendia apenas levar a isso» (Congregação para a Doutrina da Fé, *A Mensagem de Fátima*, Comentário teológico, 26 de junho de 2000).

<sup>14</sup> *Catecismo da Igreja Católica*, n.º 1820.

# LEITURAS DOMINICAIS DO MÊS DE FEVEREIRO – ANO C:



<b>4º Domingo do Tempo Comum</b> <b>2 fevereiro</b>	<b>5º Domingo do Tempo Comum</b> <b>9 fevereiro</b>	<b>6º Domingo do Tempo Comum</b> <b>16 fevereiro</b>	<b>7º Domingo do Tempo Comum</b> <b>23 fevereiro</b>
<b>Solenidade</b> <b>Apresentação do Senhor</b>	<b>Festa</b> Santa Apolónia	<b>Santo do dia</b> Santa Juliana	<b>Santo do dia</b> São Policarpo
<b>Leituras</b> - MI 3, 1-4; - Slm 23, 7.8.9.10; - Hb 2, 14-18.	<b>Leituras</b> - Is 6, 1-2a.3-8; - Slm 137 (138), 1-2a.2bc-3.4-5.7c-8; - 1Cor 15, 3-8.11.	<b>Leituras</b> - Jr 17, 5-8; - Slm 1, 1-2.3.4.6; - 1Cor 15, 12.16-2o.	<b>Leituras</b> - 1Sm 26, 2.7-9.12-13.22-23; - Slm 102 (103), 1-2.3-4.8.10.12-13; - 1Cor 15, 45-49.
<b>EVANGELHO</b> <b>Lc 2, 22-40</b>  <i>«Os meus olhos viram a vossa salvação»</i>	<b>EVANGELHO</b> <b>Lc 5, 1-11</b>  <i>«Deixaram tudo e seguiram Jesus»</i>	<b>EVANGELHO</b> <b>Lc 6, 17.20-26</b>  <i>«Bem-aventurados os pobres. Aí de vós, os ricos»</i>	<b>EVANGELHO</b> <b>Lc 6, 27-38</b>  <i>«Sede misericordiosos, como o vosso Pai é misericordioso»</i>

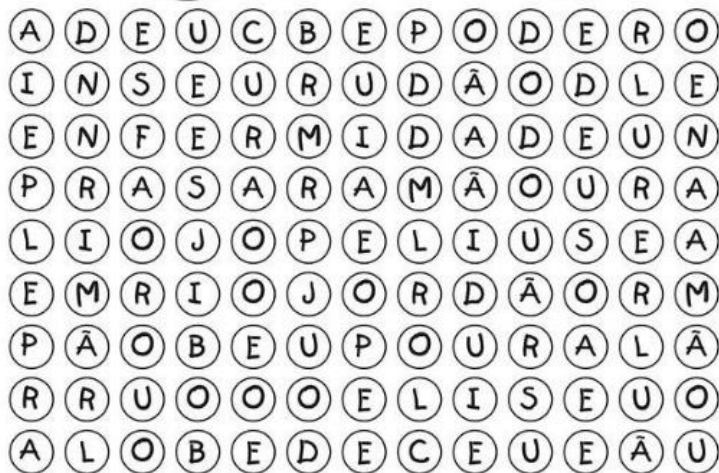
# O CANTINHO DAS CRIANÇAS

---

## Caça-Palavras

Mergulhe na piscina de bolinhas e ache as palavras abaixo.

- CURA
- RIO JORDÃO
- ELISEU
- NAAMÃ
- ENFERMIDADE
- LEpra
- OROU
- OBEDECEU
- PODER
- DEUS



---

Sintoniza-te e partilha connosco:

<https://www.paroquiapenhafranca.com>



Facebook: [Paróquia Nossa Senhora da Penha de França](#)



Instagram: [ppenhafranca](#)



Youtube: [Paroquia Nossa Senhora da Penha de França](#)



E-mail: [paroquianspenhafranca@gmail.com](mailto:paroquianspenhafranca@gmail.com)



Whatsapp: <https://chat.whatsapp.com/Dx2fGHC8AfMKaJPey0I27Z>